

## PROJETO ENSINAR COM PESQUISA 2010

O uso do cinema no ensino de graduação: a representação do passado em filmes documentais e ficcionais

Bolsista: Alexsandro de Sousa e Silva

Filme: *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil* (1994), de Carla Camurati

### Resumo geral

Carlota Joaquina é neta do rei espanhol Carlos III, e se prepara para um casamento com um príncipe português, D. João. Decepcionada com a nova vida, ela se entrega a vários amores, com quem tem alguns filhos que se misturam com outros que são do esposo. Depois da morte do rei português D. Pedro III e do sucessor J. José, a rainha Dna. Maria I enlouquece e a Igreja Católica tira proveito da situação para financiar novas igrejas e procissões. Com o reconhecimento da doença de Dna. Maria, D. João torna-se o príncipe regente.

No contexto da Revolução Francesa, quando Napoleão Bonaparte quer isolar a Inglaterra do continente europeu, os ingleses pressionam D. João, da mesma forma que o francês, a tomar posição no conflito. Mesmo com os protestos de Dna. Maria I e Carlota Joaquina, o príncipe regente opta pela fuga para o Brasil, planejada pelos ingleses. A fuga foi uma sucessão de atrapalhamentos, bem como a viagem. No continente americano, Carlota se entrega a novos amores, ao mesmo tempo em que pragueja contra a nova morada o tempo todo, quando é surpreendida ao saber que poderia se tornar rainha espanhola.

D. João decide por fim às pretensões de Carlota, tirando o apoio que outrora tinha oferecido na questão da sucessão do trono espanhol. A partir daí, o regente afasta os amantes e apoiadores da esposa para deixá-la isolada e sem ter como agir econômica e politicamente. Enquanto a sucessão dos fatos faz com que a Família Real volte a Portugal, Carlota assassina a esposa do último amante num momento de desespero. Com a volta às terras portuguesas da corte e a permanência do filho D. Pedro no Brasil, ocorre a traição do filho D. Miguel, que assume a coroa portuguesa, e a prisão de Carlota Joaquina, que suicida-se lamentando a Deus pelos erros.

### Personagens:

Narrador: não se identifica pelo nome em nenhum momento; aparenta alguém muito animado por conhecer e querer contar histórias.

Yolanda: a receptora das histórias do narrador, dialoga o tempo todo com ele e demonstra ser uma nobre e se mostra muito curiosa e intrigada com a história de Carlota Joaquina.

Pais de Carlota: a mãe, Maria Luíza de Parme, é italiana e possui “apetite sexual”, sempre sorridente e orgulhosa pela filha que parece ter herdado suas vaidades; o pai, filho do rei Carlos III, é arrogante e impaciente. A diretora exhibe estas personagens provavelmente a fim de mostrar as principais fontes das características de Carlota exibidas ao longo do filme: a vaidade e a arrogância.

Carlota Joaquina: quando criança, já se mostra vaidosa, arrogante e consciente da hierarquia monárquica a que pertence. É mostrada como uma menina muito feia, destacado pelo narrador. Nesta fase, ela é iludida pelo mundo pictórico, exemplificada pelo culto à imagem da “infanta Margarida” como modelo de beleza e pela decepção com o choque

entre a representação e a real imagem de D. Pedro. Na lua-de-mel, é mostrada de forma animalésca. Quando adulta, as mesmas características sobressaem, somado o bigode, o andar desajustado por causa de um acidente com cavalo, e as caretas que a atriz Marieta Severo faz. Algumas vezes, a trilha sonora coloca músicas espanholas quando acontece algo que altere as emoções da personagens, como na sequência 46, no momento em que Carlota olha para a tela como se fosse um touro, os sons coletivos de “olé” ecoam ao mesmo tempo com uma música típica espanhola, ressaltando o aspecto cômico da representação da personagem. É predominante a cor vermelha nos vestidos de Carlota.

Corte espanhola: mostrada como festeira, bajuladora, com taças de vinho nas mãos, ressaltando a futilidade dos nobres, como nos brados de “oh” diante das respostas que Carlota criança responde sobre Diego Velázquez.

Carlos III, rei da Espanha: menos sorridente da corte, sereno e atento às questões sobre o casamento da neta Carlota.

Francisca: empregada de Carlota, aparece como alguém que se vê forçado a elogiar constantemente a infanta contra a vontade, impaciente com atitudes da criança, mostrando a futilidade e falsidade na vida na corte espanhola. Não aparece quando Carlota se torna mulher.

D. João: desde a aparição na sequência 9 até a última imagem no filme, na sequência 49, a personagem é mostrado como um covarde, preguiçoso, fraco, abobalhado, guloso e sem modos de comportamento. Na aparição, curiosamente, a personagem está com a voz dublada. A narração diz que ele “não teve uma educação refinada” como o irmão D. José. A imagem ridicularizada do regente permeia todo o filme, com poucos momentos de lucidez. Predomina a imagem de D. João comendo um pedaço de frango ou de fruta, falando de boca cheia, com olhar de sonolência e desinteresse. Há uma sequência, a 41, na qual está “obrando” enquanto fala sobre a coroação. Tal exibição da personagem pressupõe o quanto foi desajustado o processo de independência brasileira.

Corte portuguesa: mostrada como mais comedida em relação à corte espanhola por ser mais religiosa; os nobres estão constantemente cochichando uns com os outros, e comem tal como é mostrado D. João ao longo do filme.

Igreja Católica portuguesa: misturados aos nobres, os religiosos são mostrados como aproveitadores da situação política a seu favor, como acontece quando Dna. Maria I enlouquece e um padre a faz assinar vários papéis sem que ela saiba o que estava fazendo.

Dna. Maria I: até a morte o esposo, o rei Pedro III, é mostrada como alguém atento às questões da corte, mas depois do ocorrido, é mostrada como alguém que olha constantemente para o alto, assustada, e gritando na maioria das vezes em que aparece.

Lord Stangford: “um ministro de cabelos e personalidade ‘cor-de-fogo’”, segundo o narrador. O inglês é o representante dos interesses da Inglaterra frente aos rumos políticos da coroa portuguesa. O ministro é mostrado sempre como um homem sereno e consciente do que quer.

Brasileiros: índios e negros aparecem constantemente pelas ruas cariocas. Dna. Custódia e seu pai seriam uma representação do brasileiro: ela, interessada em se aproximar e ter benefícios junto à corte, deixando de trabalhar como lavadeira, enquanto que o último mostra ódio frente à Família Real. O pai de Custódia, na sequência 27, quando chega com a família ao novo lar depois de despejados por ordem do príncipe regente da antiga casa, encontra porcos no local e dá boas vindas à D. João apontando para os suínos.

Felisbindo: o empregado de Carlota, é apresentado como um ser atrapalhado. Ele é consciente das aventuras amorosas da patroa.

José Presas: mostrado como alguém honesto que quer ajudar Carlota sem interesses maiores, é abandonado por D. João e pela princesa.

Amantes de Carlota Joaquina:

D. Pedro: mostrado como um rapaz de bem com a vida, aparece como apaixonado por uma única mulher, Noemi, afastada para Pernambuco por D. João. Quando a população o pressiona a assinar a Constituição, é bem visto pelos brasileiros. Como a diretora mostra sempre as características dos pais em relação aos filhos, passa-se a impressão de que queria mostrar D. Pedro como não sendo filho de D. João, senão seria covarde como o regente.

Debret: mostrado calado e inconformado com os ataques de Carlota frente à pintura que fez da coroação de D. João.

Documentos, fatos ou frases históricas:

00:07 – Única legenda que contextualiza a história: “Espanha - 1785”.

00:14 – Pintura da infanta Margarida, supostamente pintada por Diego Velázquez (no filme não fica claro se foi ele que pintou).

00:25 – Morte de D. Pedro III e D. José; Dna. Maria I torna-se a rainha.

00:32 – Lord Stangford faz referências à chegada das ideias da Revolução Francesa ao Brasil, por conta da Inconfidência Mineira.

00:34 – Aparece a carta de Napoleão Bonaparte a D. João pressionando a se aliar aos franceses. Bonaparte o chama de “irmão e primo”.

00:37 – Aparece uma notícia de um jornal chamado *Le Moniteur* com artigo cujo título é “*France et Espagne partagent Portugal*”, com mapa da Península Ibérica.

00:38 – Decisão de D. João em fugir para o Brasil.

00:40 – Fuga da Família Real.

00:42 – Mapa da América do Sul na época colonial.

00:44 – Chegada da Família Real na Bahia.

00:45 – Chegada da Família Real no Rio de Janeiro.

00:52 – D. João decide fundar Banco do Brasil.

00:54 – Discussão sobre a questão das províncias do Prata.

00:56 – Apresentação do Manifesto de Carlota Joaquina alegando legitimidade na sucessão da coroa espanhola.

01:01 – Cortes de Cádiz reconhecem legitimidade de Carlota Joaquina.

01:02 – D. João retira apoio a Carlota na questão da sucessão do trono espanhol.

01:04 – Referência ao livro escrito por José Presas *As memórias secretas de Carlota Joaquina*.

01:20 – Referência à pintura da coroação de D. João por Debret.

01:21 – D. Pedro, pressionado, diz que assinará Constituição.

01:30 – Narrador faz referências à pressão dos portugueses pela volta de D. João.

01:32 – D. Pedro e D. João decidem pela permanência do primeiro em terras brasileiras.

01:34 – Narrador conta sobre a coroação de D. Miguel, que traiu D. João, e do fim de Carlota Joaquina.

Observações:

A trilha sonora é intensa e predominantemente extra-diegética, com poucos momentos não musicados. Ela aumenta o tom de comicidade do filme, além de enfatizar o local onde acontece a cena, seja com sons religiosos na corte portuguesa. Nos enquadramentos, predomina-se o plano geral e o plano americano, com muitos *travellings* e

momentos em que a câmera acompanha a ação, como na dança do rei Carlos III, em que o instrumento parece “bailar” junto com o rei e a dançarina. Há outros enquadramentos interessantes, como no momento em que Dna. Maria I, enlouquecida, aparece para Carlota, e esta decide dançar ela a rainha. Antes da rainha aparecer, a infanta acompanhada olha um teatro de bonecos, que saem de cena quando Dna. Maria surge. A visão do espectador até a dança de a de quem está no lugar dos bonecos, dando margem para diversas interpretações. Em outro momento, quando Debret mostra a pintura, há uma plano em que mostra a pintura como se fosse uma imagem real; depois, rapidamente, inverte-se a posição de quem olha o quê e o espectador é colocado no lugar da pintura, com a Família Real comentando sobre a obra como se estivessem falando com quem assiste.

No filme existe um trabalho cuidadoso em relação aos objetos. Um exemplo é a sequência 15, onde em cima da cama dos reis há uma imagem de Cristo carregando a cruz, que aparece em dois momentos: no duplo casamento de D. José e D. João (curiosamente não mostrado, enquadrando os reis ao invés dos noivos) e na morte do primeiro e do pai, com personagens manchadas com tinta preta chorando sobre os corpos. Na mesma sequência, quando Dna. Maria aparece numa procissão ao lado do padre (simbolizando a atuação da Igreja Católica nas questões financeiras da corte no momento), uma imagem de Cristo é mostrada amordaçado e conduzido na procissão.

Em relação às representações das personagens, destacamos a interessante oposição no filme entre as cortes portuguesa e espanhola. Os espanhóis são mostrados como os mais alegres e sensuais. A corte espanhola é representada como o lugar da cultura e das artes, pois até o rei dança na festa, e cobra-se da infanta o que ela sabe sobre o pintor Diego Velázquez. A corte portuguesa é mostrada como um lugar quase fúnebre, com muitos cochichos e sem o menor ânimo. Os portugueses são mais religiosos e melancólicos, além de comilões. Daí o descompasso entre Carlota Joaquina e D. João, quase uma antítese um do outro. Outro exemplo do choque entre espanhóis e portugueses está na sequência 16, quando a infanta dança para a rainha Maria I mas um padre interrompe o baile. Quando o religioso leva a rainha, Carlota decide continuar a dança, “porque a boa música não se interrompe”, diz a pequena.

Todas as personagens no filme falam no idioma de onde vieram, com algumas exceções. Carlota fala espanhol o tempo todo; o Lord fala em inglês, bem como o narrador e sua receptora Yolanda; os portugueses e brasileiros em idioma natural, mas todos se entendem. Há uma sequência, a 26, quando a Família Real chega no Rio de Janeiro, em que o narrador mostra o Brasil como a Torre de Babel: “Muitos índios, muitos europeus, muitos africanos, alguns chineses e, talvez, até dois ou três escoceses”.

Para finalizar, o modo como é mostrado a vinda ao Brasil e o retorno da Família Real a Portugal demonstra um total desajustamento: D. João como um covarde, desleixado e marionete dos ingleses; Carlota Joaquina como uma traidora sem escrúpulos; D. Pedro desajustado e pressionado a assinar a Constituição. O filme apresenta uma contra-imagem da historiografia tradicional sobre o tema, que ressalta aspectos heróicos nesse momento histórico, como no filme *Independência ou Morte*, de Carlos Coimbra. Porém, a representação fílmica repassa uma noção de história como farsa, a qual se tenta justificar o suposto “atraso” nacional e a explicação de como “o país começou errado”, terminando por simplificar a leitura sobre o passado.

Sugestões para sala de aula:

Após a morte de D. Pedro III e D. José e o enlouquecimento de D. Maria, Carlota e suas companheiras parecem não sentir nenhum remorso, e mantêm a cultura da corte espanhola na obscura corte portuguesa, assistindo a teatro de bonecos e dançando com castanholas. Durante o teatro, D. Maria, acompanhada por senhoras da corte portuguesa, aparece caindo próximo a Carlota Joaquina, manifestando sua loucura. Neste plano, o espectador vê a ação, com uma posição fixa da câmera, em plano americano, sem montagens, a partir do pequeno teatro de bonecos no quarto da infanta, como se a ação teatral estivesse invertida. Quando D. Maria cai, os bonecos se assustam com sua presença e fogem da cena, dando espaço para o espectador acompanhar melhor a “peça”. As personagens espanholas estão todas de vermelho, enquanto as portuguesas estão de preto, e observamos no quadro cênico as duas cores meio intercaladas. Cabe aqui observar como, através das ações e das cores dos figurinos das personagens, como o filme trata a imagem com conotação aparentemente negativa por parte dos portugueses e sua antítese representada nas espanholas. Carlota diz que vai cantar para a rainha, e as espanholas aparecem no segundo plano da sequência dançando com castanholas e violão, com os bonecos do teatro ao fundo da imagem também bailando. O som diegético da música reforça o clima mais alegre deste momento. As senhoras da corte portuguesa parecem dançar junto à Carlota, mas são mostrados apenas suas sombras, algo recorrente na exibição dos membros da corte de Portugal no filme. Prossegue o contraste de cores, como que sugerindo o ambiente mortuário dos portugueses e de vida e sensualidade dos espanhóis. Um sacerdote interrompe a dança e tira D. Maria, que alegava estar bem no ambiente, de frente das espanholas e do espectador, rezando. Quando o sacerdote diz para parar a dança por causa da doença da rainha, ela parece estar com medo do religioso, e reluta em sair do quarto de Carlota. As bailarinas prosseguem a dança, enquanto o narrador diz que se passaram vários anos, e, na transição de planos para aparecer a próxima sequência, aparecem recortes como se fossem duas cortinas que se abrem. O enfoque desta sequência está no contraste das representações dos portugueses e dos espanhóis, que pode ser trabalhada na sala de aula como um exercício analítico do filme, pois esse contraste é uma constante na narrativa, que irá opor uma figura mais ousada e sensual que é Carlota contra outra figura covarde e que vive na dependência de membros da corte para agir, que é D. João.

Na coroação de D. João como rei, cuja cerimônia não acompanhamos mas que é referenciada pelo narrador, mostra-se Debret exibindo sua pintura sobre o evento em questão, mas que se difere da pintura original do artista francês. No filme, mostra-se a pintura como se fosse a própria família real, com as mesmas roupas que no próximo plano serão exibidas, em uma pose como se fossem tirar uma foto, todos estáticos, e Debret ao lado olhando o suposto quadro orgulhoso, enquanto Carlota vocifera dizendo que está feia na obra e que não gostou das cores. No próximo quadro, inverte-se a posição da câmera e o espectador não vê a obra porém a reação da família real ao lado de Debret, que durante toda a sequência não diz uma palavra. Carlota coloca mais um defeito no quadro, sob protestos de D. João. D. Pedro questiona sobre uma mulher que está atrás da representação de sua mãe, mas, neste momento, seria D. João que estava atrás de Carlota. D. Miguel diz que não dá para reconhecer ninguém no quadro, e Carlota menospreza Debret dizendo que Velázquez é superior. Apesar do leque de interpretações que daqui pode-se fazer, destacamos que a posição da câmera e o que ela mostra ao espectador deve ser levado em conta. Cada suposto quadro é mostrado num plano em que acompanhamos as falas e as reações dos personagens, sendo que o segundo plano é interrompido quando se mostra o

presente que Noemi havia enviado a D. João, o corpo do filho de D. Pedro. No primeiro plano, a pintura original é substituída no enredo por uma pose da família, imagem desfocada, e a família se impressiona em se olhar como se fosse um espelho, menos Carlota, que se acha feia. A brincadeira aqui é em relação à auto-imagem que a personagem tem de si, ou um sinal dessa sua posição quando percebe que tem uma mancha na pele do rosto quase ao final do filme. No segundo plano, em que a família olha a obra como se estivesse admirando o espectador, e Carlota diz “*Pero no había tanta gente, estoy segura*”, uma outra brincadeira como se estivesse falando diretamente com o público no cinema, supondo que a sala de projeção estaria com muitos espectadores. Daqui pode-se abrir uma discussão sobre as diferentes impressões que a sequência proporciona entre os alunos, pois o diferencial está, algo que também é válido na sequência acima comentada, na troca de posições entre espectador e obra artística, e as possibilidades de interpretação com o recurso.

### Sequências:

1. Créditos do filme sob imagens do mar;
2. Yolanda e narrador iniciam conversa sobre o Brasil; aparece Carlota com 10 anos dançando na corte espanhola;
3. “Espanha - 1785”; Carlota continua dançando para a corte;
4. A infanta responde questão sobre Velázquez diante a corte lisonjeada pelas respostas;
5. Rei Carlos III dança para a corte;
6. Marquês português entrega retrato de D. João a Carlota; Carlos III questiona sobre saúde do infante;
7. Carlota e Francisca conversam sobre a beleza da infanta Margarida, retratada na corte espanhola;
8. Carlota despede-se dos pais e do avô ao partir para Portugal com Francisca para o casamento;
9. Viagem da dupla até o aparecimento de D. João, que decepciona a infanta;
10. Apresentação dos presentes dos portugueses para Carlota;
11. Apresentação da corte portuguesa;
12. Casamento de D. José e D. João;
13. Na lua de mel, Carlota morde orelha de D. João por se sentir violada;
14. Apresentação de D. João;
15. Morte do rei D. Pedro III e D. José, com o enlouquecimento de D. Maria I, que se rende à Igreja e lava pés de mendigos;
16. Carlota dança para a rainha, com a interrupção da Igreja;
17. Apresentação de Carlota adulta, forçando D. João a fazer amor;
18. Carlota com amantes; apresentação de seus nove filhos; assassinato de um amante pela infanta;
19. Reconhecimento médico da loucura de D. Maria I; D. João se acovarda por saber que será o regente;
20. Lord Stangford pressiona D. João a mudar a corte portuguesa para o Brasil;
21. D. João redige carta-resposta a Napoleão Bonaparte, que o pressiona a aliar-se ao francês;
22. Ingleses conversam sobre a pressão que se deve exercer sobre D. João em mudar-se para o Brasil;
23. Carlota discute com D. João por causa da decisão em seguir conselhos ingleses;

24. Fuga da Família Real;
25. Portugueses no navio sofrendo com a viagem ao Brasil;
26. Passagem da Família Real pela Bahia e depois a chegada ao Rio de Janeiro;
27. Requisições das moradias pelo príncipe regente;
28. Discussão entre alguns populares e comerciantes pela compra de frango;
29. Carlota pelas ruas cariocas obrigando a população a ajoelhar-se diante dela;
30. D. João, pressionado pelos ministros portugueses e pelo Lord inglês, decide fundar o Banco do Brasil;
31. Debate na corte em relação às províncias platinas e sobre legitimidade de Carlota Joaquina em ser legítima herdeira do trono espanhol;
32. Distribuição de títulos por D. João àqueles a quem devia favores;
33. Pesadelo de D. João por estar à mercê de Carlota;
34. D. João afasta amante do Rio de Janeiro e limita atuação da esposa; cortes de Cádiz reconhecem legitimidade de Carlota como herdeira ao trono espanhol;
35. D. João tira apoio à Carlota sobre sucessão ao trono;
36. José Presas é afastado do Brasil por D. João sem apoio de Carlota;
37. Carlota Joaquina com o amante negro Fernando Carneiro Leão;
38. Carlota decide conhecer melhor costumes brasileiros;
39. Últimos momentos de vida de Dna. Maria I;
40. Fernando Leão é nomeado presidente do Bco. do Brasil por D. João;
41. D. João “fazendo obra” (necessidades fisiológicas) enquanto fala com filha Maria Teresa sobre coroação;
42. Caso de D. Pedro com a cantora francesa Noemi, que foi afastada por D. João;
43. Apresentação de uma obra de Debret à corte;
44. D. Pedro decide assinar a Constituição pressionado pela população carioca;
45. Aparecem pelos no rosto de Carlota;
46. Carlota discute com Fernando, cuja esposa Gertrudes intervém e se desentende com a rainha;
47. Narração da morte de Gertrudes pelas mãos de Carlota, contada por um matador que estava no momento do crime; D. João queima autos de acusação;
48. D. Pedro e D. João conversam sobre ida a Portugal do pai e permanência do filho no Brasil;
49. D. João se despede do Brasil;
50. Carlota joga sapatos no mar quando sai do Rio de Janeiro;
51. Suicídio de Carlota; encerramento da fala do narrador com a Yolanda;
52. Créditos finais do filme em fundo negro.